



Bowers & Wilkins 685

Falemos de música

O que «marca a diferença» na qualidade de um produto ou sistema de reprodução de áudio? Esta pergunta está presente no dia-a-dia dos audiófilos e alimenta a curiosidade dos apaixonados pela alta-fidelidade. E cada um de nós terá a sua resposta ou uma noção intuitiva do que diria relativamente a esta questão. Algumas pessoas colocariam a ênfase na maior fidelidade ao que se passou no estúdio ou no palco onde se realizou a gravação, outras pessoas refeririam que o que interessa vê-se no reflexo involuntário do movimento ao sabor do ritmo e da emoção induzida pelas melodias e as suas estórias, etc. Do meu ponto de vista, subjacente à

generalidade destas apreciações está um denominador comum: um sistema ou componente de qualidade conduz a nossa atenção, de forma mais ou menos evidente, para a música. Pode parecer paradoxal, mas quando somos bem servidos pela tecnologia e tudo funciona bem, somos deixados a sós com a música. E não é disso que gostamos?

De facto, quando se faz crítica há fases em que as audições de diferentes componentes de áudio se sucedem quase em contínuo, resultando num facto curioso: apesar de passar extensos períodos a apreciar sistemas de som em que tocam variadíssimos

discos de referência, a maior parte desse tempo não é dedicada a ouvir música! Essas horas são antes um espaço de avaliação metódica, analisando critério a critério aquilo que o som que resulta da reprodução de registos melódicos bem conhecidos nos diz sobre as características do(s) componente(s) em teste. O tempo é, por definição, escasso, e a preocupação de dedicar a atenção devida a perceber e conhecer o temperamento e individualidade de cada peça não permite muitas distrações. Assim, dá-se frequentemente o caso de, mesmo após vários dias de audições, sentir falta de ouvir música. Pessoalmente, há dois momentos



que usualmente reservo para esse fim, sendo o primeiro os concertos a que assisto e o segundo os momentos em que remonto o meu sistema de som doméstico no intervalo entre dois testes. Diria que são períodos de descanso, usufruto e recuperação de referências que considero imprescindíveis para a vida e para a própria actividade crítica.

Este preâmbulo permite revelar um pouco do que foi a análise crítica das novas colunas monitoras Bowers & Wilkins 685. E também para explicar porque as Bowers & Wilkins foram uma excepção a este ritual. Quando chegaram a minha casa estava a preparar as notas finais sobre a audição do amplificador CA-S10 da Flying Mole e, por mera curiosidade, substituí as minhas Monitor Audio RS1 pelas B&W e alternei entre o gira-discos 160 da Thorens artilhado pelo Rui Borges e o Audio Analogue Primo CD para ouvir novos LP's e CD's que tinha adquirido, em particular a excelente voz da contralto Sara Mingardo na reprodução de *Stabat Mater* de Vivaldi e as músicas de Beatles rein-

terpretadas por George Benson. Bem, quando dei por mim tinham passado dias a fio em plena degustação auditiva. Entretanto, com a devolução do amplificador entrou em cena o meu Audio Analogue Primo Settenta e a sessão prolongou-se por mais alguns dias. A escrita atrasou-se um pouco, mas não foi tempo perdido para este teste. Foi antes um preâmbulo que se revelou determinante para a apreciação final destas colunas, como iremos ver após dar atenção a algum trabalho e tecnologia incorporados nesta proposta.

As Bowers & Wilkins 685 são colunas de duas vias, equipadas com um *tweeter* de 25 mm em alumínio, que integra um magneto de neodímio e um altifalante de médio/grave de 165 mm em fibra sintética Kevlar, material utilizado pela marca há mais de 30 anos, e um pórtilco *bass-reflex* frontal com um acabamento ondulado que invoca as bolas de golfe. Quando removidas as grelhas de protecção, estes elementos marcam também a dimensão estética desta coluna, quer pela localização assimétrica da placa

onde se insere o *tweeter* e que contém o nome da marca, quer pelo cone amarelo de Kevlar que se tornou um elemento identificador de grande parte das colunas do catálogo da B&W, pelo pórtilco de graves denominado «Flowport», mas tam-



TESTE Bowers & Wilkins 685



bém pelo painel frontal negro da coluna, que é suave ao toque e compõe o ar sofisticado e diferenciado desta proposta. No entanto, tendo em conta que o *tweeter* não tem qualquer protecção, a colocação das grelhas de protecção em tecido é aconselhável, em particular para quem tem crianças.



A renovação de uma série de colunas, como é o caso da quarta geração da série 600, resulta usualmente da adaptação da inovação tecnológica desenvolvida para os produtos de topo da marca, tendo em vista um determinado nível de custos, tipologia de produto e objectivos de desempenho. São disso exemplos a herança oriunda da série 800 do magneto em neodímio e que substitui o magneto cerâmico utilizado no *tweeter* da terceira geração da série 600 e a aplicação da tecnologia tubular de amortecimento das ondas internas do *tweeter* e que é oriunda da famosa coluna de referência Nautilus. A informação que alimenta os dois tipos de altifalantes é objecto da clássica repartição das frequências alta e média/baixa realizada com base em filtros de primeira ordem, sendo a frequência do *crossover* afinada para os 4 kHz. Estes e outros pormenores técnicos estão expostos de uma forma acessível e interessante na página de Internet da marca a que se aconselha a visita (www.bowers-wilkins.com), sendo de destacar igualmente a flexibilidade conferida quer pela possibilidade de bicablagem, quer pela inclusão de um conjunto de duas esponjas cilíndricas por coluna,

que permitem bloquear totalmente ou parcialmente o pórtico de graves alterando a curva de resposta em frequência. Esta última opção poderá ter maior interesse para a colocação das colunas em prateleiras, penduradas na parede ou perto de paredes, controlando o efeito desse posicionamento para o registo dos graves. De facto, estas colunas estão preparadas para uma série de «heresias», tendo já incorporada na parte posterior uma placa para suporte de parede.

Feita uma breve apresentação de alguns aspectos técnicos sobre o que são as Bowers & Wilkins 685, em termos da tecnologia investida, é tempo de falar sobre o que fazem, isto é, como comunicam com os ouvintes. Um primeiro aspecto a realçar é que a música é apresentada com naturalidade, de forma solta, relevando um som maduro e consistente, independentemente do estilo musical que se escolha. Por exemplo, a aparente facilidade com que as interpretações de Patricia Barber são trazidas para a sala de audições, seja a presença e calor da sua voz, seja a dinâmica e riqueza do seu piano ou a impressionante vivacidade e definição do solo de bateria, constitui um elemento de



conforto e de prazer para o ouvinte. Naturalmente, a extensão dos graves apresenta limitações que são assumidas sem rodeios, revelando que as leis da física ainda se fazem respeitar. Mas no que concerne ao controlo, articulação e densidade, o desempenho das frequências mais baixas indica que são as leis da atracção que predominam no desempenho sonoro destas colunas. A gama média denota um corpo interessante e uma dose certa de calor que não compromete a neutralidade, e a gama alta tem um desempenho assinalável, líquido, rico e que raramente se aproxima da fronteira onde predominam os registos agudos mais agressivos tão frequentes nas colunas com *tweeters* metálicos deste segmento.

A correcção temporal, o detalhe, a credibilidade dos instrumentos e da sua dinâmica são tudo elementos que contribuem para a consistência e maturidade do som. Há toda uma exposição sonora e um palco que nos distrai do local de audição e realça a música, quer se trate de um registo introspectivo de Keith Jarrett ou Brad Mehldau, de uma canção mais ritmada dos Arcade Fire ou de uma invocação de natureza religiosa de Vivaldi. De facto, o desempenho das 685 não se compromete perante maiores dinâmicas em orquestrações complexas, demonstrando uma interessante naturalidade na resolução dos desafios colocados por diferentes tipos de registo ou estilos musicais.

Como acontece a todos os produtos, estas colunas têm compromissos. No que é essencial, o compromisso principal pode ser o de não ter uma preferência ou um elemento que se destaque dos demais. Neste sentido, se algo se destaca é precisamente a coerência e integridade do desempenho sonoro das Bowers & Wilkins 685, o que é fácil de compreender se atendermos à ambição da marca espelhada na frase de *marketing*:

«We're not trying to give the most. We're trying to lose the least». Ao tentar perder o mínimo, a B&W procurou que o equilíbrio entre as diferentes dimensões do som e do desempenho sonoro não se alterasse, tratando-se apenas de uma questão de escala. Foi esse equilíbrio que permitiu às Bowers & Wilkins 685, ainda que acabadas de sair da caixa, dar-me o espaço e as condições para que desvelasse dias a fio os novos CD's e LP's sem me desviar a atenção para algum factor de desempenho menos conseguido. Foi esse convite a dar atenção à música, essa humildade vinda de uma marca tão ambiciosa e prestigiada que consistiu na maior surpresa deste teste. E penso que aqui reside a força desta proposta: se o equilíbrio e coerência são virtudes áudiofilas, então para suplantar esta coluna só se pode pedir uma proposta que seja melhor em tudo, mantendo ou baixando o preço. Será um caso para Ethan Hunt?

Preço: 597,61 €

Representante: Artaudio

Tel.: 21 973 79 99

Especificações

Frequência de resposta	49 Hz – 22 kHz \pm 3 dB
Sensibilidade	88 dB spl (90 dB, 1 m)
Impedância nominal	8 Ω (mínimo 3,7 Ω)
Frequência do <i>crossover</i>	4 kHz
Potência de amplificação	30 W – 100 W a 8 Ω
Impedância máxima de cabo	0,1 Ω
Peso unitário	7,0 kg
Dimensões (LxAxP)	198 x 340 x 331 mm

Discos utilizados nas audições

Tema(s)	Interprete – Álbum
Allegro ma poco – Sonata 4 al Santo Sepalcro (RV 130)	Vivaldi – Concerto Italiano Rinaldo Alessandrini Sara Mingardo (Opus 111 2002)
Exit Music (For a Film)	Brad Mehldau (Songs Warner Bros Records, 1998)
Lilac Wine	Jeff Buckley (Grace, Columbia 1994) LP
My Favourite Things	John Coltrane (My Favourite Things, Atlantic 1961)
O Quam Tritis	Vivaldi – Concerto Italiano Rinaldo Alessandrini Sara Mingardo (Opus 111 2002)
Part I	Keith Jarrett (The Köln Concert, ECM 1975) LP
Suites para Violoncelo (BWV 1007-1012)	Mischa Maisky (J. S. Bach: 6 Cello-Suites, Deutsche Grammophon 1999)
The Oracle	Dave Holland Quartet (Extensions, ECM 1990)
Too Young To Die	Jamiroquai (Emergency on Planet Earth, Sony Soho Square 1993)
Vários	Arcade Fire (Neon Bible, 2007)
Vários	Patrícia Barber (Café Blue, Blue Note 1994)
Vários	Sting (Fields of Gold: The Best of Sting 1984-1994, A&M 1998)
Vários	U2 (The Best of 1990-2000, Island 2002)

B&W Bowers & Wilkins



Consulting AV - B&W Center

Tel. 289 806 040
Almancil
www.consulting-av.com



Consulting AV - B&W Center



Transom

Tel. 213 512 550
Lisboa
www.transom.pt



Viasonica

Tel. 218 135 083
Lisboa
www.viasonica.pt



Digimagem

Tel. 226 052 780
Porto
www.digimagem.pt



A. Lory

Tel. 213 150 610
Lisboa
www.lojalory.pt

...espaços de eleição!



In-Fidelidades

Tel. 212 742 500
Almada
www.in-fidelidades.pt



Belmiro Ribeiro, Lda

Tel. 214 931 933
Amadora
www.belmiroribeiro.pt



TV 2029

Tel. 808 200 029
Almancil
www.tv2029.com



Tomarel

Tel. 249 313 787
Tomar
www.tomarel.pt



Sinfonia de Opções

Tel. 291 220 341
Funchal
www.sinfoniadeopcoes.com



J-Theatre

Tel. 253 284 311
Braga
www.grupojota.com

Lojas **FNAC** | Lojas **El Corte Inglés** | **Conforto**, Ponta Delgada - Tel. 296 205 000 | **Equipolar**, Porto - Tel. 223 394 120 | **Listen In**, Guarda - Tel. 271 227 283 | **Audiomanias**, Caldas da Rainha - Tel. 262 823 280 | **Audioteca Loureiros**, Viana do Castelo - Tel. 258 829 532 | **Pedro Vieira**, Ílhavo - Tel. 234 322 689 | **J.S. Almeida**, Espinho - Tel. 227 345 431 | **Arte & Som**, Gafanha da Nazaré - Tel. 234 363 863 | **Jocafer**, Montijo - Tel. 212 326 120 | **Sonata**, Faro - Tel. 289 827 010 | **Electro Pescador**, Costa da Caparica - Tel. 212 918 210